

## Títulos

O meu quarto, 3 de abril de 2020

Querido diário,

Ser cidadã implica muito mais do que existir.

Quando tinha apenas três anos dizia que queria ser lixeira... Entretanto, a ideia passou e escolhi uma outra profissão... Porque não ser polícia? Assim poderia prender quem deitasse lixo ao chão.

Mesmo antes de saber que era alguém, já era uma cidadã e agora, com a curta idade que tenho, que parece não ser assim tão curta, consigo perceber isso. Às vezes pergunto-me o que perceberei daqui a uns anos sobre a minha existência presente.

Neste momento, escrevo-te a partir do meu quarto. Estou em “isolamento”, eles dizem..., mas confesso que não é assim tão diferente da minha vida normal. Nunca fui muito de sair de casa, nunca tive razões para isso. Já perdi a conta das vezes que percorri as mesmas ruas, vi os mesmos sítios e as mesmas pessoas, com as mesmas ideias velhas. Às vezes, ainda arriscava meter conversa com um estranho num café, com a esperança que acontecesse alguma coisa, mas cansei-me das constantes conversas banais sobre o tempo, os políticos corruptos, ou sobre o aumento do preço da gasolina. Vivo numa cidade pequena e aqui nunca se passa nada. No século XXI, apesar de estarmos todos ligados, nunca me senti tão sozinha.

Quando fiz dezasseis anos, apressei-me a tirar a carta de mota. Os meus pais disseram-me que eu estava a caprichar demais para o tempo que eles tinham. A minha tia ofereceu-me a lambreta dela... uma *Vespa Piaggio* amarela! Quando cheguei à escola nela, todos me gozaram, mas não me importei com isso. Afinal, não era eu que tinha de ligar aos “paizinhos” para me virem buscar.

Sem a minha mãe saber, usei a minha primeira mesada para uma coisa que achei ser apenas para gente fina, daquelas que têm empregadas em casa e que não sabem sequer fritar um ovo... comprei o meu primeiro bilhete para um espetáculo de teatro, no Sá da Bandeira no Porto! Nesse dia, disse que ia dormir em casa da Joana, dirigi-me até à estação e apanhei um comboio para S. Bento.

A noite no Porto não tem nada a ver com a da minha cidade... começa desde logo por ter pessoas nas ruas e, só por isso, já é completamente diferente. Toda aquela agitação, os rostos, os cheiros das castanhas assadas, as luzes... faz-me sentir viva.

Quando entrei no Teatro, confesso ter ficado surpreendida... as pessoas eram... pessoas: com cheiros e suor, tal como eu. A peça começa. O teatro será verdade... ou será uma mentira que nos faz compreender a verdade?

Foi aqui que começou o vício. A cultura atrai, vicia e contagia. Não me fiquei só pelos teatros. Fui a conferências, a espetáculos de dança e de *stand-up*, a formações, a exposições, a concertos. Cheguei, inclusive, a experimentar uma “sessão de reequilíbrio energético”, porque pensei que alguma coisa de errado se passava comigo... porque a verdade, é que se passava e já não havia volta a dar. De uma forma abrupta, eu comecei a pensar em tudo aquilo que estava por detrás do óbvio, comecei a questionar a minha própria existência, a duvidar do certo e a arriscar em abismos que jamais teria atravessado se não tivesse, naquele momento, na contínua construção da minha personalidade, com boas pedras.

Contudo, quando voltava para a minha cidade, voltava ao vazio: as mesmas ruas, os mesmos sítios e as mesmas pessoas, com as mesmas ideias velhas.

Já com dezassete anos, decidi que estava mais que na altura de fazer algo pela minha vida. Certo dia, quando cheguei à escola, o professor de geografia chegou alegre à sala com

mais uma proposta de trabalho. Desta vez, queria que identificássemos na nossa cidade um problema. Ora essa! Com guerras, fomes e desastres no mundo, porque é que queria ele que identificássemos um problema na nossa cidade? Mas pronto... eu precisava da nota e, de imediato, disse que faltavam atividades ligadas aos jovens e à cultura. O professor organizou um grupo de trabalho, pediu que nos inscrevêssemos num projeto chamado “Nós Propomos!” e que começássemos logo a trabalhar porque íamos ter muito mais pela frente.

O primeiro passo foi criar um inquérito por questionário, destinado a todos os jovens da minha cidade que, tal como eu, tivessem algumas preocupações com a cultura. Partilhei aquele *link* no *Facebook*, no *Whatsapp*, no *Instagram*, no *Twitter* e até no *Tinder*... (talvez não devesse estar a escrever isto aquiahaha...). No sétimo dia, descansamos de todo o trabalho que realizamos e fomos à *Taskinha* para jogar à *Sueca*. O ócio durou pouco... na aula seguinte, analisamos todas as respostas, fazendo novos gráficos, e só aí percebi que, talvez, afinal este projeto tivesse pernas para andar. Grande parte dos respondentes tal como esperava, se queixavam-se da falta de atividades e que, apesar das infraestruturas não serem as melhores, não eram impeditivas para a sua realização. Com cento e vinte respostas, até me senti uma *socialite*.

Apesar de ter passado no exame de código rapidamente, nunca escondi o meu fraco sentido de orientação. Quando foi para analisar a planta ornamental do território em estudo, a Paula falava e eu ouvia atentamente, porque a verdade é que, eu não via o mesmo que ela. Enquanto eu me focava no rosto que era desenhado pelas linhas da planta, ela falava-me em ruas e em sítios de destaque que poderíamos usar para promover atividades na nossa comunidade. E assim foi: no dia seguinte, fizemos questão de nos deslocarmos a todos esses possíveis locais e, realmente, tínhamos razão: não havia motivo para não se terem lá realizado mais atividades antes.

Estava na hora de propor soluções. Não só pus o meu grupo de trabalho a pensar, como toda a minha família. Até a minha avó, com os seus noventa anos, dizia que queria participar no projeto, e dava ideias para resolver este problema. A minha avó só conseguiu estudar até à “quarta classe” e dizia que tinha muita pena de que na altura dela não havia este tipo de projetos.

Na minha opinião, a cultura é fundamental no crescimento dos cidadãos e na valorização dos sítios onde estes vivem e, ainda bem que percebi isso, apesar de ter sido por vias clandestinas e rebeldes (espero que a minha mãe não chegue a descobrir). Eu quero que a minha cidade tenha todo o esplendor do conceito e que os cidadãos façam jus ao seu nome.

O ideal seria, sem dúvida, a implementação de uma infraestrutura juvenil e cultural..., mas sei que a vida não está fácil para ninguém e que, ainda para mais com esta pandemia que enfrentamos, o dinheiro é para outras coisas. Mas, tenho a certeza que, nos espaços que temos, podemos fazer grandes coisas e, amanhã, quando falarmos com a presidente da junta de freguesia, ela vai concordar connosco. Vamos sugerir uma série de atividades, dar ideias de concursos, espetáculos, estágios e de tudo o que conseguirmos. Quem sabe se, no futuro, não tenhamos a tal “Casa da Juventude”.

Ontem, já fizemos um *poster* e, hoje, sonhei que o via espalhado por todo o lado: nas escolas, cafés, associações, ginásios... sonhei também que nas próximas férias estaria a ver uma comédia no salão da junta de freguesia, com a lotação esgotada. As pessoas estavam felizes e a interagir e, acima de tudo, estavam a pensar no mundo e naquilo que nele acontece.

“Eu tenho um sonho” ... e esse sonho, começa por mudar o mundo..., mas antes, a minha cidade, e este projeto, vai-me permitir um começo.

Com amor,

Eu